

Uma *Penelope* para a última exposição de Penelope Curtis na Gulbenkian



Rebekhah (2012), de Simon Fujiwara

Artes Isabel Salema

A colecção de moldes de gesso da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa está em diálogo com as obras de 16 artistas contemporâneos

Guilherme d'Oliveira Martins, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, fez questão de dizer umas breves palavras na apresentação aos jornalistas da primeira exposição temporária que abre hoje na sede de Lisboa terminado o confinamento: “Apesar de todas as dificuldades e de todos os condicionamentos da pandemia, a fundação não pára. Consi-

dera que é indispensável continuarmos a nossa programação cultural. A fundação tem um grande empenhamento para que a cultura não seja desvalorizada, para que esteja na primeira linha. O que obriga a um grande esforço, naturalmente, que estamos dispostos a fazer.”

O discurso de Oliveira Martins terá sido também um gesto de despedida da “nossa querida” Penelope Curtis, como lhe chamou, que tem com *Esculturas Infinitas – do gesso ao digital* a sua última curadoria na fundação, uma vez que terminou em Agosto o seu mandato de cinco anos na direcção do Museu Gulbenkian, num contrato que não foi renovado por opção da administração. A fundação

está à procura de um novo director que deverá conduzir a ampliação do espaço dedicado à Colecção Moderna e as obras, já visíveis para quem passeia no jardim, estão previstas que se estendam até 2022.

A exposição, que ocupa a galeria principal e tem entrada livre, mostra a colecção de moldes de gesso da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa em diálogo com as obras de 16 artistas contemporâneos. Penelope Curtis explicou que começou a pensar na exposição logo no início da sua estadia em Lisboa, quando visitou a cave das Belas-Artes e descobriu este acervo muito rico mas quase invisível. “Mas não achámos suficiente mostrar só as reservas e procurámos encon-



trar uma maneira de falar hoje da moldagem, uma técnica muito actual”, disse ao lado dos outros três curadores, Rita Fabiana, também da Gulbenkian, e dos franceses Thierry Leviez e Armelle Pradalier, uma vez que a exposição é uma parceria com as escolas Beaux-Arts de Paris, onde foi vista uma versão em Novembro.

No centro da galeria com as vistas para o jardim totalmente desimpedidas, encontram-se várias dezenas de gessos vindos das caves da escola do Chiado. Há três *Faunos Dançantes*, dois *Spinarios* (rapaz com pico), uma cabeça de Lucius Verus, três *Torsos Belvedere*, mas também uma arquivolta da fachada da Sé de Évora, réplicas de pés, de rosas ou de folhas.

Entre o “macho” e a “madre”

O destaque que estes gessos históricos com a sua brancura envelhecida têm na montagem pretende mostrar como continuam a desempenhar uma influência nas práticas de muitos artistas actuais, sublinhando a relevância da reprodução no pensamento artístico contemporâneo. A exposição explora a noção de multiplicação infinita permitida pela moldagem, quer tradicional, quer digital, afirmando a escultura “como mais frequentemente serial do que única”. As formas, explica Penelope Curtis no catálogo, podem “ser repetidas, refeitas e reconfiguradas *ad infinitum*”.

O único artista português presente na exposição, Francisco Tropa, apresenta três peças em bronze, a mais recente datada de 2018 e intitulada *Penelope*, que parte de uma réplica de uma escultura de Soares dos Reis dedicada à saudade (a aparente ironia com a saída da directora é uma mera coincidência...), para dar forma ao vazio do seu interior. Se ambos, à distância de 150 anos, trabalham o bronze fundido, “o original” de Tropa,

como explicou o artista, recupera “um momento perdido dentro do processo de fundição” – a construção do “macho” –, o modelo que dá a forma ao oco do interior das esculturas feitas através de metal líquido.

“O exterior de uma escultura é dado pela ‘madre’ e é esse modelo que normalmente nos permite reconhecer a identidade. O meu original é o positivo, sem a espessura do bronze, o que nos permite reflectir até que ponto uma forma se mantém reconhecível.” *A Penelope* de Tropa, reconhecível pela flexão do corpo e do pescoço, desdobra-se ainda em quatro, num processo em que a forma se vai desvanecendo até fazer lembrar uma figura de Alberto Giacometti.

O vazio interior das esculturas interessa também à artista escocesa Christine Borland, numa pesquisa que Penelope Curtis recua até nomes históricos da escultura do século XX, como Barbara Hepworth e Henry Moore. No caso de Borland, esse trabalho explora a fronteira entre arte e medicina, como as esculturas que fez a partir de um modelo pedagógico de um corpo dissecado encontrado no Surgeons Hall de Edimburgo, que apresentava uma pose semelhante à *Pietà* de Miguel Ângelo. “Criou um anjo que voa, uma figura celestial, virando simplesmente a escultura ao contrário”, comentou Curtis.

Os curadores destacaram ainda obras de David Bestué, Steven Claydon, Simon Fujiwara, Asta Gröting, Oliver Laric, Charlotte Moth, numa exposição que ficará até ao final de Janeiro e contém também obras de Michael Dean, Aleksandra Domanovic, Jean-Luc Moulène, Jumana Manna, Xavier Veilhan, Marion Verboom, Daphne Wright e Heimo Zobernig.

isabel.salema@publico.pt

